Edição semanal da Empreza d'O Seculo — N.º 43 — Lisboa, 17 de dezembro de 1906

Illustração Portugueza

DIRECTOR. Carlos Malheiro Dias = EDITOR José Joubert Chaves

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura conjuncta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portugueza

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — Rua Formosa

Summario

Mafalda Ermelinda — O poeta com os seus quatro filhos — Luiz

A sombra do Quadrante

VERSOS DE EUGENIO DE CASTRO

Eugenio de Castro, o mais illustre poeta da sua geração e unanimemente consagrado como um dos maiores artistas do verso que honram a litteratura portugueza, acaba de publicar o seu 20.º volume de poesias. E' d'esta obra recente que transcrevemos os cinco sonetos admiraveis, verdadeiros modelos de technica e de sentimento, dignos de figurarem, n'um florilegio da poesia lyrica, como sublimes documentos do mais puro lyrismo a que um grande poeta elevou a sua inspiração. Raras vezes o amor paterno terá encontrado na arte uma interpretação ao mesmo tempo mais lapidar e mais enternecida. E' a perfeição maxima do amor dentro da maxima perfeição do verso; uma obra prima de sentimento n'uma obra prima de ourivesaria.

Quem reler, n'esta hora, as primeiras obras, faustosas de rythmos e de rimas, todas trabalhadas com pompas bisantinas de coloridas joias de adjectivos preciosos, do poeta emerito dos Oaristos, *poderá desvendar com emoção os mysteriosos e ingremes caminhos que o genio de um inspirado tem de subir na purificação lenta do seu estro. Aos coruscantes deslumbramentos dos seus primeiros versos, ás complicadas orchestras dos seus antigos e predilectos rythmos, succedem a suavidade e a limpidez, a harmoniosa e serena perfeição, que é o mais nobre distinctivo das obras primas.*

OS MEUS FILHOS

A MEUS PAES

I

VIOLANTE MARIA LUIZA

Acorda cedo como os passarinhos
E vem logo direita á minha cama;
Sacode-me com geito, por mim chama
E abre-me os olhos com os seus dedinhos.

Estremunhado, zango-me. — «Beijinhos,
«Não quer beijinhos?» com voz d'oiro exclama:
Da minha ira empallidece a chamma,
E acarinhando-a pago os seus carinhos.

Senhor! Que amor de filha tu me déste!
Dá-lhe um caminho brando e sem abrolhos,
Dá-lhe a Virtude por amparo e guia;

E destina tambem, ó Pae celeste,
Que a mão com que ella agora me abre os olhos
Seja a que ha-de fechar-m'os algum dia!

II

MARTIM

Nasceu: era um varão! Com febre anciosa,
A riscar seu futuro eis que me ponho:
Grandezas a grandezas sobreponho,
E minh'alma não pára, ambiciosa!

Genio insigne, consciencia luminosa,
Santo, poeta, heroe! Manso e risonho,
Mal enche o berço... mas como eu o sonho
Enche de luz a vida tenebrosa!

Veiu a morte e levou-m'o! Altas montanhas,
Como invejei os musgos de velludo
Dos vossos cumes solitarios, calmos!

Titulos, honras, glorias e façanhas,
Tudo quanto eu sonhára, coube tudo
N'um caixãosinho branco de dois palmos!

Constança

III

LUIZ

Não poço para mim! Foram baldadas,
Foram vãs minhas súpplicas, Senhor!
Eu que um throno sonhei, fiquei pastor
De gado triste em serras escalvadas!

Eu que cegára, moço, vendo ateadas
As chammas da ambição, de astral fulgor,
Contemplo agora, em fremitos de dôr,
Um montão só de cinzas apagadas!

Não me queixo, e a teus pés todo me humilho!
Mas se mereço um premio, porque esteja
Tão resignado e dócil como estou,

Compensa o pae humilde, erguendo o filho:
Dá-lhe o que me negaste, e que elle seja
Aquillo que eu quiz ser e que não sou!

IV

CONSTANÇA

Dorme... Sobre o tapete eis que descança
Dos sapatinhos d'ella o exiguo par:
Lembram as conchas que o bondoso mar,
Para brinco infantil, ás praias lança.

Maior que qualquer d'elles, se balança
Pallida rosa além, filha do luar...
Tristes estão! affeitos só a andar,
Como que este repouso agora os cança.

Vendo-os, sonho-a crescida, a linda flôr!
E com as mãos humildes levantadas
Supplíco ao Céo, em orações singelas,

Que nos caminhos por onde ella fôr
Sempre pura e gentil, suas passadas
Fiquem no chão brilhando como estrellas.

V

MAFALDA ERMELINDA

Mais uma estrella me alumia a casa!
Um novo rouxinol canta em meu ninho!
Vêde se não é mesmo um passarinho,
Se uma estrella não é de luz que abrasa!

Que lindo o seu dormir, com geito d'aza
Sob a fronte disposto o alvo bracinho!
Mas por vezes, se a vejo, se a acarinho,
D'esta alma uma dôr subita extravasa.

É que, se, fiado em Deus, estou contando
Para os meus filhos com uma vida bella,
Feita de dias claros e serenos,

Comparando-a aos irmãos, fico pensando
Que, sendo ella a mais novinha, é ella
O filho com quem hei-de viver menos...

Violante Maria Luiza

MARY D'ARNEIRO

No fim do verão passado, reentrando em Italia por Ventimiglia, ao começar a descer a *Riviéra*, caminho de Genova, lembrou-me a antiga promessa feita a Mary d'Arneiro de uma visita a S. Remo, onde ella reside todo o tempo que lhe não é absorvido pelas suas peregrinações artisticas.

A opportunidade era excellente e o encontro com a *diva* assegurado, porque se estava na estação morta para a arte.

Sem hesitar, pois, saltei na *gare* da calma e pittoresca cidadesinha da *Côte d'Azur* italiana, tão cara aos inglezes e allemães para as permanencias de inverno, onde o imperador do Brazil foi buscar um pouco de paz no ultimo amargurado periodo da sua vida, e gritei ao primeiro cocheiro: «*Villa Angelo*».

A carruagem, deixando para a esquerda o *Corso Imperatrice*, — que é a *Promenade des Etrangers* de S. Remo, com a sua grande linha central de palmeiras e os seus bancos acolhedores onde as louras *miss* e *frauleins* passam as longas manhãs a aquecer-se ao sol, contemplando a toalha azul do Mediterraneo, com o *Magazine* aberto e esquecido sobre os joelhos — e, seguindo pela *Via Vittorio Emmanuele* e *Corso Garibaldi*, n'esses mezes estivos desertos e com os seus armazens de luxo fechados ou ás moscas, desembocou na *Piazza Colombo* onde tomou por uma ingreme ladeira á esquerda. A cinco minutos de caminho, quando começavam a esfumar-se os ultimos vestigios bem caracteristicos da *cidade estação de estrangeiros*, surgiu á minha vista um risonho *villino* todo branco, afestoado de trepadeiras e com um trecho de jardim, rico de verde, onde uma grande palmeira, cujas folhas se alongavam em curva até beijar o rebordo do balcão de pedra que um toldo inglez resguardava, imprimia aquella nota de natureza fecunda e uberrima que celebrisa, com a côr inconfundivel do mar, esse pedaço privilegiado da costa mediterranea fruido em partes eguaes pela França e pela Italia.

◉

Era a *Villa Angelo* que, por uma convenção tacita, os admiradores dos talentos da artista, da graça espiritual da irmã e da belleza triumphante de ambas, chrismaram em *villa degli Angeli*.

Foi ali que o visconde d'Arneiro terminou os seus dias; — e o seu quarto lá o encontrei ainda piedosamente cuidado e defendido, como se o claro espirito do *maestro* e do compositor lá demorasse sempre. E demora de facto, porque se o auctor do *Elisir di Giovinezza*, da *Derelitta* e, sobretudo, do *Don Bibas* (que, infelizmente, ficou por acabar e que seria, sem duvida alguma, a sua obra prima) dorme no cemiteriosinho de S. Remo, o profundo conhecedor dos segredos da arte musical, o mestre erudito, continua-se na impeccavel escola de canto que, como o publico de Lisboa vae em breve verificar, é um dos meritos mais em resalto da individualidade artistica da filha que só d'elle recebeu lições.

No momento em que escrevo, folheando os primeiros fasciculos que acabam de apparecer do *Supplemento* ao *Nouveau Larousse Illustré*, encontro uma nota consagrada ao visconde de Arneiro — facto que provavelmente não succederia se o dicciona-

rio fôsse portuguez, — onde o *Te-Deum* que elle escreveu é classificado de *œuvre de premier ordre*, capaz de fazer por si só a reputação de um compositor. O mesmo já, por outras palavras, dissera Puzin no seu *Diccionario Musical*. Pois este trecho, tão conhecido em França e em Italia, é, supponho, totalmente ignorado em Portugal; e, como Mary d'Arneiro me disse, no decorrer d'essa entrevista de S. Remo, que uma das causas que mais ardentemente a attrahiam a Lisboa era a esperança de conseguir submetter ao juizo do nosso publico esse *Te-Deum* e alguns excerptos, ao menos, do que ficou composto do *D. Bibas*, ouso lembrar aqui a todos os que amam a arte e o nome portuguez que bem merece ser por elles secundada e apoiada esta sympathica e patriotica iniciativa da artista, que é ao mesmo tempo um acto de justiça reparadora, dictado por um commovedor sentimento de piedade filial.

Um instantaneo de Mary d'Arneiro tirado pelo sr. Maia Cardoso na *Villa Borghese*, em Roma

•

As Arneiros — pois que é difficil, falando de Mary, esquecer a figura de tanto relevo da irmã, a Ada, companheira inseparavel da sua vida — juntam a uma intelligencia penetrante e um fino espirito uma cultura intellectual que é de quasi excepção no meio dos cultores profissionaes do canto. Educadas em França, n'um dos melhores collegios do Meio-dia, além do conhecimento do inglez e do hespanhol — o portuguez, o italiano e o francez são para ellas indifferentemente como linguas nativas. E as suas viagens, com o acompanhar assiduo de todo o movimento litterario e artistico, dão á sua conversação, espirituosa sem frivolidades e interessante sem preoccupações eruditas, um encanto raro.

O *ar nacional*, que o visconde d'Arneiro, como todos nós os que vivemos longe da patria, procurou imprimir á sua casa, lá se conserva intacto em S. Remo. Os volumes de Herculano, de Camillo, de Eça, de Ramalho, de Junqueiro, de Fialho e de João Chagas espalham-se pelas mesas e pelas estantes, alternando com aguarellas e photographias de trechos de Portugal. A um canto pousada a indispensavel e portuguezissima guitarra com o seu molho pimpante de fitas azues e brancas, e, sobre uma mesa, conservado com a devoção de uma reliquia, o album onde se acham reunidos todos os escriptos referentes á obra do pae,

Mary d'Arneiro e sua irmã Ada, no seu jardim da *Villa Angelo*, em S. Remo

desde os telegrammas de El-Rei até aos longos artigos da imprensa italiana e franceza firmados pelos mais auctorisados nomes da critica d'arte.

*

Muitos se lembrarão, como eu, da estreia de Mary d'Arneiro em Lisboa ha uns sete ou oito annos, no *Fausto*. Os applausos quentes e prolongados com que o publico corôou logo as phrases de entrada de *Margarida*, ditas, Deus sabe! com que emoção e receio, ao mesmo tempo que representavam um valioso baptismo d'arte, foram uma prophecia do futuro brilhante que mais uma vez prova quanto são, seguros e perspicazes os juizos da platéa de S. Carlos. Com uma tal recommendação, Mary de Arneiro não teve que fazer noviciado pelas scenas lyricas subalternas. O seu segundo theatro foi logo o Maximo, de Palermo, com uma companhia de primeira ordem, sob a regencia da melhor batuta italiana, Toscanini. E d'ahi por diante percorreu successivamente, e sem alternativas, todos os grandes theatros lyricos de Italia, de Hespanha, da Russia e da America do Sul.

Sem preoccupações de chronologia e citando de memoria, recordo que Mary d'Arneiro cantou no Scala, de Milão, entre outras operas o *Freischutz*, com De Marchi; no Casino, de Monte Carlo, o *Othello*, com Tamagno, compartilhando largamente as ovações dispensadas ao maior dos tenores; no San Felice, de Genova; no S. Carlos, de Napoles; no Costanzi, de Roma, na epocha em que lá esteve Caruso, que com ella interpretou a *Gioconda*; no Adriano, tambem de Roma; no Pergola, de Florença; no Regio, de Torino; no Lyrico e no Dal Verme, de Milão; no Imperial, de Varsovia, n'uma companhia de que faziam parte Regina Pacini e Battistini; no Municipal, de Odessa; no Lyceu, de Barcelona, em duas epocas successivas; em Valencia; no Municipal, de Santiago do Chili, e no Victoria, de Valparaiso; na Opera, de Buenos-Ayres, n'uma famosa companhia em que entravam, entre outros, Caruso e Toscanini; e, finalmente, no Real, de Madrid, onde já fez quatro epocas, em tão grande apreço o publico d'aquella capital tem os seus meritos artisticos.

A *Villa Angelo*, em S. Remo, habitação de Mary d'Arneiro

A este respeito *nuestros hermanos* pagam-nos em boa moeda a sympathia com que acolhemos sempre as suas *estrellas* da scena, pois que é bem sabido por quantos 7 annos successivos elles reclamaram tambem a nossa Pacini.

Na estação lyrica extraordinaria da coroação do rei Affonso XIII, Pacini, Arneiro, Mascagni e Bonci eram as principaes figuras do brilhante *elenco* prodigamente organisado para a occasião.

Este anno em Paris, Mary d'Arneiro logo que soube que o *Figaro* offerecia um dos seus *five-o'clock* musicaes aos estudantes portuguezes, prestou-se com o mais vivo prazer a tomar parte n'elle e não esqueceu ainda a ovação que os enthusiasticos moços lhe fizeram. Logo depois interveiu tambem no concerto promovido pelo conde Tornielli, embaixador d'Italia em França, a favor das victimas de Courrières. O illustre diplomata agradeceu-lhe fidalgamente a valiosa cooperação com um grande

almoço em sua honra em que a decoração da mesa e os desenhos dos *menus* eram obrigados ás côres e a invocações de Portugal.

◉

Soprano dramatico caracterisado, de voz egual em todos os registos, excellente como qualidade, *veloutée* e disciplinada por uma magnifica escola, Mary de Arneiro encontra o segredo do exito da sua carreira no talento com que sabe conjugar estes meritos com um jogo de scena apropriado e um conhecimento da arte de representar que eguala o de qualquer boa artista dramatica.

Já lá vae o tempo em que no theatro lyrico se consideravam quantidades transcuraveis tudo o que não fôsse melodia na musica e voz no cantante. A revolução wagneriana e a progressiva cultura dos espiritos impuzeram limites e condições a essa concessão feita pela intelligencia ao sentimento por virtude da qual nós ouvimos sem rir, e antes achando n'isso um prazer, personagens de drama amarem, odiarem, baterem-se e conversarem... por solfa. Assim como hoje o *libretto* assumiu uma importancia capital e não basta musicar com lindos motivos o primeiro desconchavo em verso piegas, como antigamente succedia, para fazer uma opera que vingue, assim tambem, e consequentemente, é preciso alguma cousa mais do que tirar cá para fóra sonoros dós de peito apertando a barriga, á semelhança de Fancelli, para se merecer o nome de artista de canto. Não se pode cantar qualquer obra de Wagner nem tão pouco as modernas operas italianas ou francezas de Puccini, Mascagni, Giordano, Franchette ou Massenet com os escassos recursos dramaticos que o *Trovador* ou a *Lucia* reclamavam.

É vendo o acolhimento que ainda hoje tem a Bellincioni que bem nos apercebemos de quanto se está já distante do «*voce, voce, voce*» que o grande compositor italiano dizia ha cincoenta annos ser tudo o que se precisava n'um cantor. A sua interpretação dramatica da *Fedora* merece bem que se lhe perdôe a adiantada ruina dos seus recursos vocaes.

Mary d'Arneiro, em vestido de passeio

(*Instantaneo do sr. Maia Cardoso*)

No consenso unanime da critica, Mary de Arneiro pertence á classe eleita dos profissionaes do canto de hoje que melhor conciliam essa dupla exigencia do theatro lyrico moderno. Estuda as suas personagens com cuidado e consciencia e cura com egual attenção a parte musical e a parte dramatica, aproveitando proficuamente o seu accentuado temperamento artistico. Esta circumstancia, alliada ao seu conhecimento da nossa lingua, perimttir-lhe-ha —e o augurio não é arriscado — reproduzir a figura primacial do *Amor de Perdição*, do sr. conselheiro João Arroyo, com a dramaticidade que ella reclama perante o estudo minucioso do romance e sem lhe desnaturar a feição genuinamente portugueza.

◉

O reportorio de Mary d'Arneiro é muito vasto. Ás operas já accidentalmente citadas ha a juntar —e a lista é incompleta —as seguintes: *Mephistopheles*, *Aida*, *Trovador*, *Cavalleria Rusticana*, *Huguenottes*, *Africana*, *Lohengrin*, *Tanhaüser*, *Tristão Isotta*, *Crepusculo dos Deuses*, *Walkyria*, *Manon*, de Puccini; *Manon*, de Massenet; *Tôsca*, *Bohême*, *Fédora*, *Ebrea*, *Damnação de Fausto*, *Asrael*, *André Chenier*, *Siberia*, *Germania*, *Colombo*, *Navarraise*, *Euriante*, *Mademoiselle de Belle Isle*, etc.

Além da interpretação perfeita de todo o reportorio wagneriano, a critica exalta especialmente a sua arte na *Tôsca*, no *Mephistopheles*, nos *Huguenottes*, no *André Chenier*, no *Othello*, na *Cavalleria* e nas operas que habilmente foram escolhidas para o seu reportorio em Lisboa.

L. P.

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE ARTE PROMOVIDA PELA ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

No seu vasto e complexo programma inscrevia a *Illustração Portugueza*, ao inaugurar, ha dez mezes, a sua 2.ª serie, e ao transformar-se em um magazine semanal de litteratura e actualidades, a organisação de exposições de arte, como um dos mais proficuos e poderosos processos de incitamento para os artistas, de divulgação de capacidades e talentos ignorados e de educação do gosto pela propaganda do culto da belleza e da arte.

Gomil pertencente a S. M. a Rainha: Taça de honra das regatas Leixões-Cascaes

Centro de meza em prata (maquette de Teixeira Lopes, execução das officinas de José Rosas)

Vaso em cobre com cercadura de prata cinzelada —José Rosas Junior

Cumprindo a sua promessa, a *Illustração Portugueza* sente-se honrada por poder abrir hoje, dez mezes apenas decorridos sobre a redacção do seu programma, a primeira das suas exposições publicas, e inaugurar a sua sala de festas, apresentando a Lisboa um artista, cujas notaveis aptidões, ao serviço de um meditado plano de iniciativas e reformas, garantem consideraveis subsidios de progresso a um dos ramos mais nobres das industrias artisticas nacionaes: a ourivesaria.

Não foi sem premeditação que a direcção da *Illustração Portugueza* cuidou de inaugurar a sua sala de festas com a exposição actual. Ella é singularmente adequada a esta quadra festiva do anno. O engenho do moço artista que a organisou parece ter-se comprazido em crear, dentro da sua industria fidalga da estylisação dos metaes preciosos, objectos de adorno e sumptuaria domestica, pondo ao alcance dos remediados como dos ricos pequeninas obras-primas de belleza e de bom gosto, onde revive o caracter nacional da arte esplendida, em que a nossa terra foi excepcionalmente perita. Não faltam, pois, os requisitos para um agrado geral a esta linda exposição, onde todos, desde o artista á mulher, podem encontrar motivos de seducção e de enlevo, na contemplação dos mais variados objectos de luxo, de riqueza e de arte. Ella será como que o prologo de uma proxima exposição da industria artistica das filigranas em ouro e prata, para a qual a *Illustração Portugueza* conta com uma larga e valiosissima concorrencia de expositores, e constituirá a 1.ª da serie de exposições de arte industrial, onde, a seu tempo, entrarão a ceramica, a serralharia, a esculptura em madeira, as rendas de Peniche e Villa do Conde, os tapetes d'Arrayollos, a marcenaria, o azulejo, etc., etc.

Revelando um novo artista, cuja obra é ainda quasi

Espada de honra offerecida pela Associação Commercial do Porto a Mousinho d'Albuquerque (maquette de Teixeira Lopes, executada nas officinas de José Rosas)

totalmente desconhecida, a *Illustração Portugueza* quiz frisar as suas generosas intenções de prestar um desinteressado auxilio a todas as iniciativas e aptidões individuaes, concorrendo para estimular todos aquelles que, em uma terra onde escasseiam por completo o incentivo e o estimulo, só á custa de porfiados esforços logram impôr-se ás attenções de um publico por natureza indifferente e alheio ás manifestações isoladas da arte e do talento.

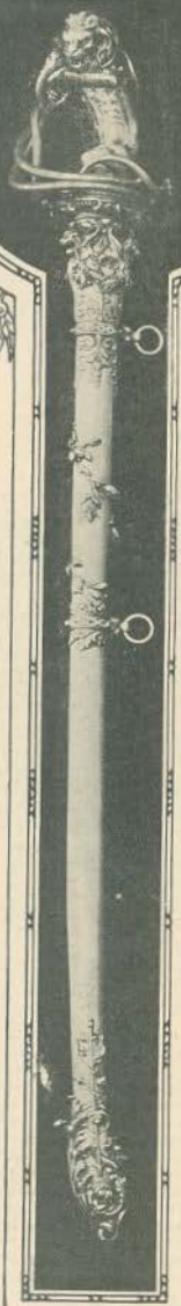
A empreza d'*O Seculo*, com a competencia que lhe dão vinte e seis annos de vida jornalistica e a consciencia, se não vaidosa, pelo menos altiva, dos serviços prestados, reconheceu que se impunha, para tornar efficaz o apostolado da producção artistica, em que tem collaborado toda a imprensa portugueza, o proporcionar aos artistas, independentemente de gremios, associações e tutorias, o meio de se pôrem em contacto com o publico, expondo e divulgando a sua obra. Para conseguir esse fim, a empreza d'*O Seculo* fez construir um vasto salão para exposições, conferencias e festas, o primeiro que em Portugal constróe uma empreza jornalistica, commettendo á direcção da *Illustração Portugueza*, com a maxima autonomia, o encargo tão honroso quanto difficil, de ser a executora d'essa nobre e generosa missão.

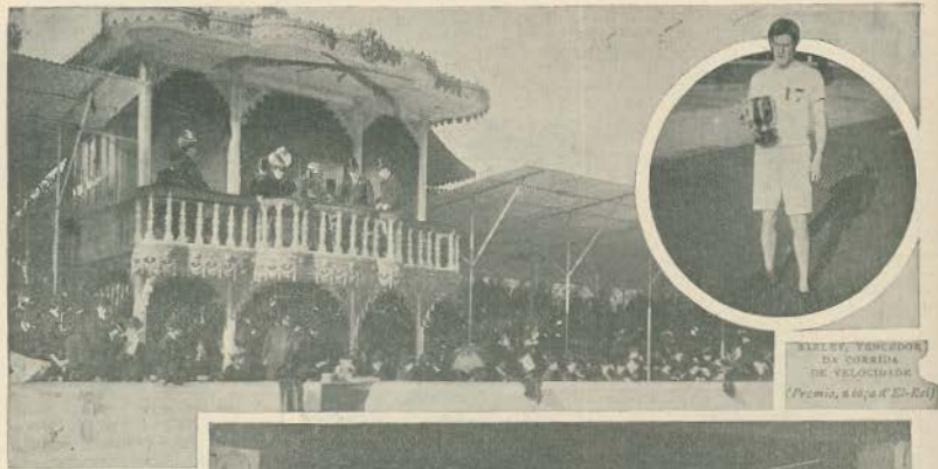
Assim, a *Illustração Portugueza* acolherá sempre com desvello todos os artistas que, confiados nos beneficios resultantes dos seus meios excepcionaes de publicidade, lhe confiarem a honra de solicitar o seu desinteressado auxilio. O seu salão será um terreno neutro, fechado a todas as luctas de escolas, a todos os preconceitos de grupo, a todas as hostilidades de concorrentes, onde terão entrada todas as manifestações da iniciativa e do talento. Intercalladas nas exposições de obras dos grandes artistas consagrados, a *Illustração Portugueza* não descurará a organisação periodica de outras exposições, se bem que mais modestas, de não menos alcance e proficuidade, como sejam as da obra incerta e tacteante dos novos.

Tendo já asseguradas as exposições de Columbano Bordallo Pinheiro, de Antonio Teixeira Lopes, de Antonio Ramalho e de Antonio Carneiro Junior, a *Illustração Portugueza* espera poder ainda, de janeiro a maio, conseguir organisar as exposições das obras dos restantes mestres da pintura e esculptura contemporaneas a que se seguirão de futuro as de alguns dos mais celebres artistas dos principios e meados do seculo XIX, desde Domingos Antonio de Sequeira e Vieira Portuense, até Annunciação, Lupi e Silva Porto.

José Rosas Junior, o artista que a *Illustração Portugueza* tem hoje a honra de apresentar a Lisboa, é filho do ourives portuense José Rosas, o amigo dilecto de duas gerações de artistas, de quem foi o inseparavel e dedicado companheiro. Este industrial, intimo confidente do glorioso e malogrado Soares dos Reis; este homem generoso, enthusiasta e bom, que n'uma cidade caracterisadamente commercial se aprouve sempre no convivio dos phantasistas e dos poetas, reuniu, durante mais de 20 annos, no seu estabelecimento da rua das Flores, uma verdadeira academia, onde estavam representadas todas as artes. Nas horas attribuladas e incertas do debute, quasi que a totalidade dos artistas portuenses d'estes ultimos vinte annos appellaram, e nunca em vão, para esse amigo certo. Elle está, como um protector affectuoso, na historia de quasi todos elles.

Foi n'esse meio de nobres incitamentos, na aprendizagem de uma convivencia illustre, que José Rosas Junior se educou. Destinado a ser, na direcção de uma das mais importantes officinas de ourivesaria do paiz, o successor de seu pae, este quiz dotal-o com todos os elementos de estudo indispensaveis para o desempenho superior de tal herança. Assim, José Rosas Junior, sobre ser antigo alumno do *Goldsmith's & Silversmith's C.º Institute* e do *South Kensington School of Art*, de Londres, visitou em demorada viagem os grandes museus da Europa e, de regresso a Portugal, emprehendeu uma serie systhematisada de estudos sobre a antiga ourivesaria portugueza, desde o gothico-bysantino e renascença manuelina, até ao *rocaille* D. João V e ao néo-classissismo D. João VI. A resurreição da filigrana e do esmalte impuzeram-se desde logo ao joven artista como essenciaes para a revivescencia das artes tradiccionaes na ourivesaria. De facto, o esmalte e a filigrana apparecem intimamente e indissoluvelmente ligados, durante o que póde designar-se pela *éra do ouro*, a todos os monumentos da ourivesaria portugueza da Idade Media e do Renascimento, cuja joia suprema em aeria ideação e lavor maravilhoso, é a custodia de Belem. Mais tarde, durante os seculos XVII e XVIII, tendo como inexcediveis modelos as peças francezas encommendadas pelos reis e pelos grandes fidalgos á dynastia famosa dos Germain, os cinzeladores portuguezes em pleno *reinado da prata*, attingiram a mestria, creando as derivantes dos estylos Luiz XIV, Luiz XV e Luiz XVI. Reatar essa tradicção gloriosa, inspirando-se na obra do passado, para a renovar quanto possivel, apropriando-a ás necessidades da vida contemporanea, tal é o ousado programma do juvenil artista, cuja execução lhe é facilitada por uma ardente fé e excepcionaes aptidões, methodicamente desenvolvidas n'uma completa educação profissional.

Limitando-se por hoje a apresentar aos seus leitores o artista a quem coube inaugurar a sua sala de exposições, a *Illustração Portugueza* confiará opportunamente a um critico de arte a detalhada apreciação dos objectos expostos.

1 — O sr. conde de Paçô Vieira, *leader* da minoria, chegando á camara para a sessão tumultuosa do dia 3. 2 — O sr. conselheiro Beirão subindo a escadaria da camara. 3 — Os deputados republicanos srs. João de Menezes e Antonio José d'Almeida dirigindo-se para S. Bento a tomar parte na sessão do dia 3, em que o primeiro foi expulso da sala pela força armada. 4 — A chegada a S. Bento do sr. Thomaz Pizarro, presidente da Camara dos Deputados. 5 — A chegada do sr. conde de Figueiró a S. Bento. 6 — Os deputados regeneradores e o par do reino monsenhor Santos Viegas cumprimentando e felicitando o sr. João de Menezes pela sua reintegração na camara

(CLICHÉS DE BENOLIEL.)

[illegible], VENCEDOR DA CORRIDA DE VELOCIDADE (*Premio, a taça d'El-Rei*)

A TRIBUNA REAL DURANTE A FESTA

ASPECTO DO BUFFETE SERVIDO POR SENHORAS

FESTA DE CARIDADE NO VELODROMO DE LISBOA, EM 2 DE DEZEMBRO

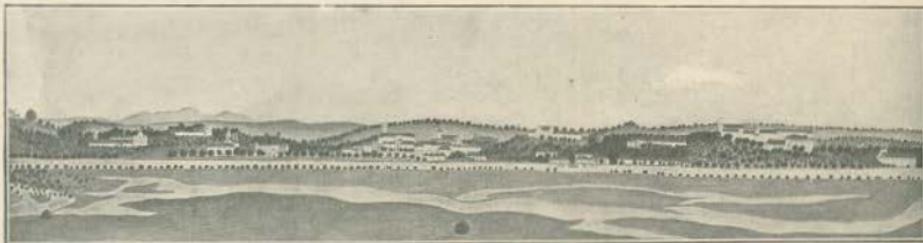
CONCURSO DE SPORTS ATHLETICOS ENTRE OS DIVERSOS CLUBS SPORTIVOS DO PAIZ

A CORRIDA DE RESISTENCIA *(vencedor, o sr. Mac-Donald, do C. C. Premio de S. A. o Principe Real)* — A CORRIDA DE SACCOS *(vencedor, o sr. Rawes, do L. C. C.)* — A CORRIDA FINAL DE BICYCLETAS *(vencedor, o sr. Rodrigues da Silva. Premio de S. A. o sr. Infante D. Affonso)* — A CORRIDA DE OBSTACULOS *(vencedor, o sr. Schuts, do L. C. C. Premio do sr. conde de Fontalva)*

SALTO DE VARA PELO SR. FRANCISCO CORDEIRO

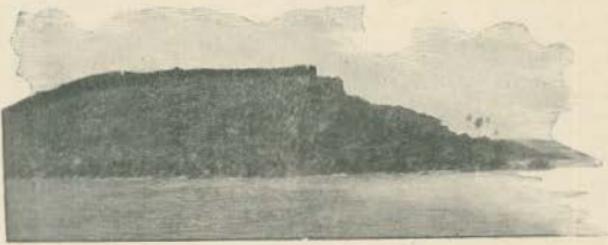
(Premio do sr. ministro de Inglaterra)

A PARTIDA PARA A CORRIDA DE RESISTENCIA — A CORRIDA DE VELOCIDADE — CORRIDA DE OBSTACULOS: OS SRS. SCHUTS E BARLEY SALTANDO UM DOS OBSTACULOS — SALTOS EM ALTURA: O SR. RAWES SALTANDO 1m,65 DE ALTURA *(Premio da sr.ª duqueza de Palmella)* — A «EQUIPE» DO CLUB NAVAL MADEIRENSE, VENCEDORA DA LUCTA DE TRACÇÃO *(Premio do sr. marquez de Franco)* — LANÇAMENTO DE PESO: O SR. WILLIAMS, VENCEDOR DO PREMIO OFFERECIDO PELO SR. CONDE DE BURNAY, LANÇANDO 5 KILOS E MEIO A 10m,66

(CLICHÉS DE BENOLIEL.)

Reproducção de uma aguarella representando Gôa em 1845 (do archivo do di tin-to[illegible]sinologo sr. J. Marques Pereir

Gôa, a Morta

RUINAS DA METROPOLE DAS INDIAS—VESTIGIOS DE UMA CIDADE DE 224:000 HABITANTES

Foi n'uma manhã de julho em que uma intercadencia de paz nos nervosismos da monção deixou o sol maravilhoso das Indias fulgurar em pleno esplendor que, com o meu illustre amigo e incomparavel sensitivo Alberto Osorio de Castro, eu sahi de Pangim em direcção ao immenso jazigo em que repousam, enredados nas exuberancias do palmar, os restos da cidade immortal, orgulho do mundo quinhentista, assombro e religião dos povos de todo o Oriente...

Antigas fortificações portuguezas da costa de Malabar

Na minha alma de emotivo e na minha memoria escandecida de portuguez, repassavam, em evocações commovidas, excerptos do nosso repositorio de glorias, desfilavam espectros enfumados de Viso-Reys, visões processionaes de cortejos fidalgos, brancuras de galeões batidos, do vento heroico...

Havia lido a singela e eloquente narrativa do soldado François Pyrard de Laval que, sahido de S. Malo em 18 de maio de 1601, fôra depois de accidentes sem conto levado até ás paragens lendarias da Babylonia do Oriente.

Havia considerado as narrativas eruditas e ingenuas do bom Garcia da Orta, o homem dos simplices e das drogas que cruzára com a sua regulada vida de Doutor meditativo todos os esplendores da grandeza goanense...

Havia-me deixado levar por Gaspar Correia no descriptivo complicado das lendas contadas do Oriente, havia lido Ficalho e os livros recentes de Bruto da Costa e Frederico Ayalla e de tudo isso conseguira no meu espirito realisar integra e perfeita uma evocação de toda a formidavel grandeza da Roma do Oriente, effervescente de uma multidão picaresca e heterogenea confluida dos quatro cantos do mundo, com os seus cincoenta templos erguidos (1), com o rumorejar das suas duzentas e vinte e quatro mil almas (2), com todo o seu estrondear de ferro, com todo o seu murmurar inegualavel de luxuria e de ouro.

Pelos olhos da alma e da reminiscencia, n'uma visão póstera e refulgente, emquanto as rodas do trem batiam sonoras no empedramento escarlate da Ponte de Ribandar, deante da minha sensibilidade evocadora desdobrava-se o immenso, o magestatico panorama das ruas da grande cidade. As praças atulhadas de uma multidão tumultuaria, envolvida em debates de interesse, os mercados, os bazares, recheiados de especiarias e de escravos de todos os cambiantes e d'aquellas lindas mulheres do Oriente onde o Camões foi buscar o idyllio da sua formosa Barbara escrava.

Deante do palacio grandioso dos Viso-Reys, no Terreiro do Paço, a fidalguia emplumada, nos seus corceis upando garbosos, aguarda a sahida do semi-Deus.

Pela vastidão da Rua Direita com os seus mil e quinhentos passos de extensão (3), a turba mul-

(1) François Pyrard de Laval. Voyage.
(2) Ob. cit.
(3) Pyrard. II vol. 36.

Restos de muralhas portuguezas nas costas de Malabar

Aspecto da cidade morta. De uma janella do convento de S. Francisco de Assis

ta ondula e reflue como o dorso alteroso de um mar...

Resoam businas, gritos, passam liteiras variegadas onde, pela entreabertura dos cortinados de seda, se entrevêem laminações de brocados de ouro...

As lojas dos lapidarios, dos joalheiros, dos mercadores de tapeçarias, vomitam, de mistura, reynoes pasmados, chegados na ultima náu, soldados veteranos encasquetados de capacetes amolgados na ultima refrega e de mistura alguma cubiçosa e gracil habitante da *ilha do Fogo* (1), extraviada longe do bairro á busca de joalheria...

Curioso capitel gentilico que figura no museu archeologic de S. Francisco de Assis [Gôa]

N'uma praça soalheira uma casa sombria ergue-se murada e quieta como um tumulo.

Os seus balcões magestosos resaltam desertos...

Nos seus salões frios e apainelados, homens emaciados, togados e graves, passeiam e discorrem...

É a Santa Inquisição...

As grimpas scintillantes dos templos, S. Caetano, S. Francisco, S. Agostinho, S. Paulo, Santa Monica, Rosario, Santa Catharina, os Catechumenos, reluzem alvas na casaria agglomerada, de uma densidade que assombra, n'um verdadeiro labyrintho de *carrefours*, e de ruelas, onde por vezes se projecta o charco de claridade de uma praça murmurosa.

(1) Bairro consagrado ao amor.

Nos entrecruzamentos de ruas faisca alto um cruzeiro immovel...

Ao longo do Mandovy, de aguas azues e relampejantes, uma multidão de galeões se escalona.

Os mastros desenham uma floresta pittoresca no entrecruzamento de vergas animadas pelas quadriculas esticadas das velas, estrelladas da cruz sanguinea.

Barcaças possantes descarregam pressurosas mercadorias aromaticas.

Na linha immensa dos caes, deante das Ribeiras sonoras e estrondeantes, desde a via das naus de Ormuz até além, aos torreões ameaçadores que flanqueiam o resalto da muralha no embarcadouro dos arcebispos é uma agglomeração de navios... algumas das mil naus (1) que cada anno sóbem as aguas murmurosas do Mandovy, despontando de além, das bandas da Agoada, onde, no seu enrocamento de muralhas, um punhado de soldados véla.

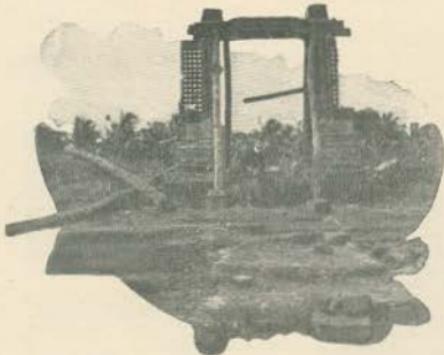
Deante da Fortaleza-Palacio do Viso-Rey é maravilhosa a animação.

Os galeões de guerra alinham-se silenciosos e bojudos com os seus tres andares de canhões espectantes, á sombra da muralha extensissima do Arsenal, d'onde transpira um confuso labor entrecortado de gritos, de ordens estridentes, de ruidos metallicos, de rastejar de cadeias, de malhar de laminas...

Mas o trem que me leva e commigo toda esta complexidade de evocações seculares atravessa n'este momento a solidão fidalga de Ribandar.

Começamos a penetrar na grande Via Historica

(1) Ob. cit. II vol. pag. 64. Car on y voit aborder plus mille navires.

Aspecto do côro do templo de S. Francisco de Assis

Portico do palacio dos Viso-Reys [mandado reerguer pelo dr. Alberto Osorio de Castro]

e dolorosa que foi o calvario de tanta riqueza e de tanto heroismo...

E os meus olhos abrem-se inquietos á busca de prodigios, os meus ouvidos applicam-se soffregos á auscultação do grande respirar da metropole que se avisinha!

Uma solidão infinita, entrecortada de qualquer grito perdido de gralha fugidia... um oceano crescente e indescriptivel de verdura confusa, colorida de todas as *nuances* do preciosismo mais phantastico, o silencio!

O trem róla sobre uma estrada que segue um alinhamento archaico.

A esquerda o rio mudo passa. A direita socalcos de verdura luxuriante, agglomerados de pedregulhos angulosos e subito uma fachada negra, com um aspecto senhorial, crivada de janellas ôcas, pintadas de laivos esverdeados levantando-se como a custo do meio de um tufo de cajueiros bravios...

O meu companheiro, cuja alma está de ha muito irmanada com a da Velha Cidade Morta, levanta-se e aponta-me.

Estamos no bairro aristocratico de Panelim.

Estamos nos suburbios da Imperatriz do Oriente...

E o meu sonho visionario destacado dos phraseados coloridos e estaticos do Pyrard, toda a mi-

nha commovida evocação historica rue e se desmorona!

Dos mil galeões que, com o ingenuo soldado, eu via subirem palpitante as aguas do Mandovy, eu busco debalde os rastos espumantes...

O rio morto corre surdo, no silencio da recordação!

Nem uma véla, nem um barco...

Ao longe apenas, para as costas verdes de Divar, uma tona selvagem penosamente se arrasta rés vés com a terra.

Da multidão de todas as côres, de todas as raças, de todas as linguas: *chrestiens, canaris, cafres,*

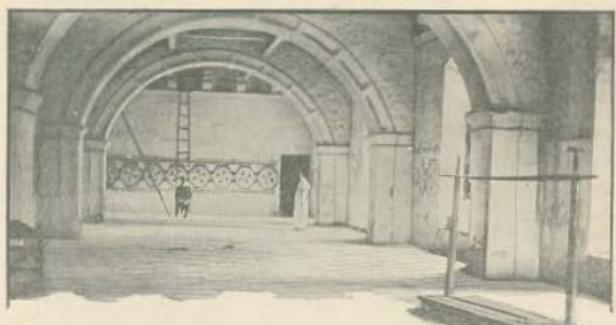
Arsenal de Gôa — Ruinas da Casa da Polvora
(*Cliché do tenente Rodrigo Alves de Sousa*)

gentils, tant esclaves qu'autres que batiam com os seus pés nús, ou com as suas sandalias bordadas o pó da estrada onde passo, procuro anciosamente os vestigios desapparecidos.

Apenas a terra, desaggregada e fluctuante na viração, traça sob as rodas uma tenuissima ondulação escarlate.

De ambos os lados começam a surgir bases de muralhas musgosas e derruidas.

O palacio de D. Antonio Carcomo Lobo é um preludio a este formidavel scenario de destruição, com as suas janellas muradas e tumulares.

Para a direita, as bases da casaria, os restos dos empedramentos, os entroncos das ruelas,

Refeitorio do convento de S. Francisco de Assis [durante os trabalhos de restauração]

Aspecto do Museu Archeologico de Gôa [organisado pelo dr. Alberto Osorio de Castro, que figura no primeiro plano]

as ligações da edificação são de tal modo profusas e complexas que formam uma collina escalonada de onde surdem explosões de ramos verdes.

O tamarindeiro opulento, o cajueiro nodoso, a arequeira doentia, a jaqueira disforme, os cactos maravilhosos, as orchideas, as personadas, as arvores santas dos gentios, os coqueiros symetricos e triumphaes, expluem n'uma symphonia de humidade e de febril esplendor.

Osorio de Castro, com a sua palavra ardente e commovida, soergue dos escombros uma legião inquieta de phantasmas.

Passamos deante das ruinas da Ilha do Fogo.

Que mundo de luxuria e de perfumado sensualismo evoca este nome!

Era o bairro das amorosas de Gôa!

Qualquer cousa como os jardins de aphrodite da Hellenia, com os seus recantosinhos surdos de amor e de segredo...

Por vezes aqui se extraviara o sisudo Garcia da Orta nos azares da sua missão de caridade, convertida quem sabe em officio por vezes de amor e de prazer.

Cerro os olhos e o bairro recatado reproduz-se-me n'uma noite de ha trezentos annos.

... As ruelas mysteriosas dormem banhadas do luar branco do Oriente.

O calor morno entorpece... As portas abertas deixam coar, de casitas acanhadas, dubias claridades...

Gemem violões na sombra... estalam risos de soldadesca occidental e por instantes a voz clara de um Reynol nostalgico, trazido da ultima nau, evoca os perfumes da loura e distante Extremadura...

Abro os olhos...

Uma cobra cruza como uma flecha um angulo da parede... A morte... a desolação... o silencio!

Á esquerda alinham-se vestigios de uma muralha espessa, encabellada de musgo pendente e secular.

Um perimetro de palmar delimitado pela agglomeração dos escombros traçando uma larga esplanada é quanto resta do que foi a Ribeira Grande.

... Illumina-se-me na mente a visão d'este recinto n'um dia do seculo XVII.

Nas construcções dispersas ha o ruido sonoro das fabricas...

Aqui amassa-se a polvora, além fundem-se as balas de bronze ou arredondam-se os globos de pedra que hão de rechaçar os ataques da moirama revolta e atulhar de cadaveres os fossos da cidade.

Ali, nos moldes barrentos e terreos, fundem-se os canhões monstruosos, cuja grande voz ha de rugir nos campos de Benastarim ou proteger as incursões armadas pelos dominios do gentio.

Os carpinteiros, os forjadores, os calafates, os artilheiros giram e cruzam-se atarefados.

O rio coalhado de galeras, a ribeira cheia de cascos derruidos ou em reconstrucção; os portaes do grande recinto guardados por sentinellas immoveis fiscalisando as entradas.

Por toda a parte o clamor da multidão e dentro do seu palacio isolado e altaneiro, com a sua dupla entrada para a cidade e para o rio, o senhor de toda aquella agitação, o fiscal de todos aquelles fabricos, o arrecadante de todas aquellas rendas, o representante do governo, o veador da fazenda, ubiquo e temido.

Paramos a carruagem, penetramos por uma brécha no espesso muro da vedação... e entramos n'uma nova região desolada e indefinida...

De pé ainda as muralhas do antigo Arsenal, com as suas nervuras solidas e evidentes, apparelhadas para os seculos...

D'esse famoso e tantas vezes reconstruido Arsenal de Gôa o que resta?

Alea do Museu Archeologico de S. Francisco de Assis

Por entre o palmar alinhado, o vulto archaico da casa da polvora, com a sua cupula ponteaguda, o soalho desaggregado, balas de pedra e de metal espersas aqui e acolá.

Mais abaixo, junto ao mar, como que decomposto ali pelo tempo e pelo abandono, um grosso canhão, de culatra n'um charco e de garganta aberta para o ar, gottejante de humidade das ultimas chuvas... o dorso profundamente embrechado.

Não longe um outro, de borco na terra, a guéla cheia de pó e roida de ferrugem, morto á sombra carinhosa de uma grande palmeira... a voz extincta, inutil, espedaçado!

No rio espelhante e immovel, nem o traço de uma quilha antiga, nem a lembrança de uma nau!... a morte... a morte sempre.

Tocados de uma melancolia immensa caminhamos mudos á beira da agua!

... Outro perimetro onde se limitam aqui e além vestigios de muramento é o caes de Santa Catharina, mercado do peixe e atracadouro das naus recem-chegadas da Patria.

As frótas carregadas de doentes, cançadas do cruzeiro do oceano, por poentes amarellos e quentes, atulhadas de soldados com febre, de individuos a quem o mar, o calor, roeram de fraqueza e canceira, vinham deter-se ali, caridosamente, quasi á sombra do Hospital Real, do Sprital famoso em que o luxo e a caridade portugueza attingiram o supremo vertice da ostentação.

Sprital Real de Góa... remedio e amparo dos Povos da India... (1)

O peixe enche a Ribeira. O caes regorgita de Reynoes ou de soldados veteranos... os marinheiros cantam, os pendões fluctuam, os velames enfunam-se.

Os portaes do Hospital abertos de par em par enchem-se de doentes.

Os escravos, os cafres, os gentios apinham-se á busca de commissões e de ganhos.

Os curumbins cantam transportando fardos.

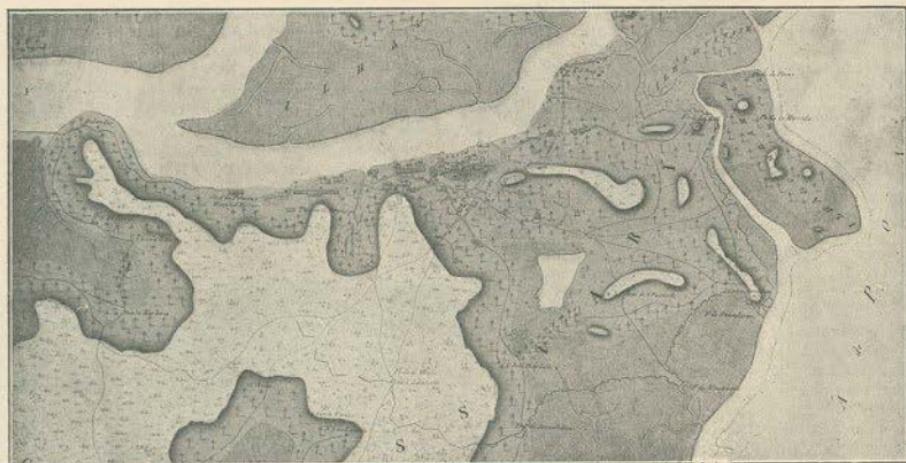
Os estribilhos gentilicos soam aqui e acolá.

Visão de um dia de luz, perdido nos fundos do passado...

O silencio, a paz... até a morte (porque a *naja* perspicaz esvahe-se fugidia e colleante meia sumida na poeira do solo) ali habitam agora.

Na paz resplandecente do dia, nem um murmurio, nem um som.

A Ribeira das galés, outr'ora perfeitamente murada, onde estacionaram as galeras de Góa e onde por uma entrada escusa e directa para o seu palacio por vezes embarcava incognito o Viso-Rey dorme no mesmo esplendor silencioso!

Adeante, abre o ingresso de um atalho musgoso e fresco o arco isolado dos Viso-Reys.

Carta do archivo do erudito sinologo sr. J. Marques Pereira representando a planta e situação da cidade de Góa (datada de 1812 — levantada pelo coronel engenheiro F. A. M. Cabral)

A alameda sombria resvala para a agua n'um declive suave.

O velho portal outr'ora esplendido da cidade, patinado de verde pelo tempo, ali se ergue silente e desgarrado das duas alas desmoronadas que outr'ora uniu a fortaleza do Viso-Rey.

Dos dois lados atulham-se nos resaltos de terreno escombros enlizados na vegetação.

As velhas muralhas do palacio que em tempo se antepunham á agua nivelaram-se com a terra.

Outr'ora a fachada magestosa da grande casa do governo erguia-se em face do Terreiro do Paço, o campo da nobreza, e quasi fronteiro á Camara Presidial.

O seu portico rendilhado de precioso lavor hindustanico enquadrado de pedras, talvez de algum pagode ruido na conquista, abria o ingresso de pateos sonoros.

Os salões decorativos e profundos recamavam-se de télas immensas.

---

(1) Ob. cit. Cet Hopital donc est le plus beau que je croy qu'il y ait au monde, soit par la beauté du bastiment y des appartenances—II vol. pag. 3.—Tous les peats y assiettes sont de porceline de Chine. II vol. Pag. 6.

Na sala dos Viso-Reys perfilavam-se os vultos hirtos de tantos senhores faustuosos e empertigados a quem El-Rey nosso senhor concedera o dominio temporario dos Estados do Oriente.

Na sala dos galeões esfumavam-se os vultos airosos de tantas naus trazidas em varias monções de azar e de tormenta da grande patria de Oeste. Muitas perdidos na vinda, muitas encalhados na volta em pontos escarpados de rocha, nas paragens tormentosas do sul onde sobre o mar impende a nevoa prodigiosa das lendas...

Fachada do Convento do Bom Jesus e cruzeiro marcando uma antiga confluencia de ruas

Junto da escadaria de pedra larga e egual, os cem guardas de libré vistosa e azulada aprumam-se.

Os creados mouros cruzam-se atarefados.

Os ginetes relincham nas cavallariças proximas... e no Tronco, a prisão vetusta, englobada no edificio, um ou outro miseravel revolve-se.

Na grande praça onde se abre o risco enorme de luz da rua Direita, nos dias solemnes agrupa-se a fidalguia tumultuaria e faustuosa.

A luzente cavalgada entre o clamor da plebe, no estridor sonoro dos pifanos e dos tambores, cercando o Viso-Rey deante do qual se abrem alas espontaneas na multidão, atravessa a rua dos Leylões, acordando os echos surdos da Inquisição e vae por vezes espraiar-se no campo de S. Lazaro ou galopar desenfreada ás beiras da enorme lagôa de Carambolim.

Do palacio ostentoso, o tempo implacavel, a selvageria e a ignorancia desaprumaram pedra por pedra.

As fundações exhumadas de escavações laboriosas e perseverantes tansparecem a custo.

Interior do templo de S. Francisco de Assis, a egreja da moda nos tempos aureos de Gôa

O portico, custosamente erguido, vacillante e sem apoio levanta-se tristemente, ornado ainda do seu laborioso rendilhado gentilico magoado pela queda e pelo peso dos escombros que o oppriimiram.

No seu enquadramento ôco onde se define como n'uma tela a paisagem longinqua, não poderá jámais surgir o vulto apparatoso do Viso-Rey, com o seu gibão golpeado, a longa adaga cravejada e scintillante, o gorro sombreado de plumas refulgentes.

A sentinella inquieta, que tão longas horas consumiu na sua ronda queimada de sol ou banhada de luar morno, não mais soltará o brado ancioso.

Uma rajada de cyclone parece ter arrebatado as pedras, os homens e os monumentos.

Nas noites brancas, com os insidiosos perfumes de toda a immensa flora murmurante por ali deslisará por certo o *frisson* das almas espantadas.

. . . .

A fachada de S. Francisco de Assis, inesthetica mas imponente de vetustez, abre apenas um sorriso no seu portal manuelino escapo ás reconstrucções do templo.

De tudo o agglomerado de construcções que vitalisára o grande terrapleno nu, em cujos limites se aprumam as poucas egrejas, que são os restos mais expressivos da enorme cidade morta, nem os traçados das bases se distinguem sequer.

Dentro de trincheiras cavadas aqui e além, surdem os poços soterrados, ainda alguns repletos de uma vasa empestada que se gerou na fermentação secular dos detrictos.

Entramos no templo franciscano.

Interior do templo de S. Caetano

A opulencia goaneza explue aqui triumphalmente.

As paredes revestidas de telas expõem eloquentemente a vida de S. Francisco de Assis.

As janellas amplas rasgam nos muros largas manchas de claridade.

O soalho empedrado corre sobre esqueletos de fidalgos e de donas emmurados nos seus sarcophagos de rocha.

Os altares enquadram-se de entrançados de ouro.

As columnatas torcidas e disformes sob a accumulação dos ornamentos phantasiosos, ajoujam-se sob o peso dos baldaquinos opulentos.

O côro vasto e silencioso, encharcado de claridade, alinha atraz da robusta balaustrada de madeira as suas cadeiras vazias.

O altar-mór levanta-se perante uma talha de sabor classico reluzente de ouro velho, ladeado de columnas corinthias de phantasia, supportando no entablamento resaltante, como n'uma altura de apotheose, a imagem de Jesus crucificado, com S. Francisco de Assis mergulhado n'um mystico extasis d'amor.

. . . .

N'um dia de sol de ouro, ao retinir argentino dos campanarios, as liteiras opulentas conduzem ao templo as damas portuguezas nostalgicas e cançadas no extenuante clima do Oriente.

Os escravos trazem as alcatifas preciosas e as almofadas de encosto, de sedas variegadas.

Outros transportam as cadeirinhas laqueadas e douradas.

Outros o leque de plumas incrustado de prata.

Os fidalgos cercam as recemvidas... offerecem-lhes a agua santa.

N'uma vacillação filha do desequilibrio dos altos chapins luxuosos, os vestidos de brocado arrepanhados pelas escravas sollicitas, atravessam lentamente as naves.

Os seus rosarios de perolas, de ouro ou de pedrarias refulgem.

Os cavalleiros, os pagens, os soldados, formam uma confusa e deslumbrante symphonia de cambiantes.

Os gibões de seda espelham-se na luz.

Hoje a egreja privilegiada de Gôa dorme na solidão. Os dourados que ainda faiscam vão-se fendilhando devagarinho. A cupula arqueada vae-se desincrustando das pinturas que ainda a recamam.

O altar-mór abandonado parece ter conservado na sonoridade dos echos a recordação fechada da oração plangente dos sacerdotes que ali officiaram e que morreram.

Das sepulturas nem já o bafo quente da podridão sahe. Os esqueletos dormem nús e a magestosa e deserta egreja parece ter-se conservado intacta na derrocada para a congregação na noite e na sombra dos milhares de duendes que ali fluctuam. A egreja mundana de Gôa é agora a dos officios mortuarios que se resam na treva, a deshoras, para contentamento dos espiritos imperdoados.

Os meus passos e os do meu companheiro resoam sonoros e nitidos no lagedo.

Sobre a nossa alma impende o clamor irrecusavel da fatalidade!

Vamos aos claustros onde a verdura se entrelaça.

Alinhadas e hirtas enfileiram-se lapides, esculpturas, columnas, imagens e ornamentos de pedra para a interpretação da historia de metropole extincta.

É o inicio do grande museu de Gôa que se deve ao tenaz e amoroso esforço de Osorio de Castro.

Paginas rasgadas de grande livro da nossa gloria oriental, aqui e ali resaltam phraseados heroicos.

Sarcophagos vazios de guerreiros. Disticos de arsenaes, de hospitaes, de templos, architraves de palacios, capiteis de preciosa phantasia.

Aqui uma ancora enorme de algum galeão pulverisado, ao abrigo outr'ora em qualquer ribeira da cidade. O coração treme de reminiscencias de gloria e confrange-se n'este Campo Santo de recordações!

Sahimos.

Em S. Caetano, com a cupula gentil reproduzindo em miniatura o coroamento da egreja-mãe da christandade, na Sé com as suas naves espaçosas e brancas, profanadas pela cal; no Bom Jesus, corrompido por uma obra seguida de vandalismo tenaz com os seus bellos quadros deturpados pelo retoque, os seus claustros banalisados por tintas cruas e recentes, encontramos o mesmo distico de magestade solida, a mesma intenção de opulencia realisada.

Nos dias de solemnidade, por exemplo nas sinistras manhãs em que no campo de S. Lazaro deviam faiscar os rubros fogareus do auto de fé, na hora do sermão, os templos todos assumiam um ar de festa e de alegria.

O dobre continuado do sino da Inquisição rythma o andar compassado dos palanquins.

Mollemente recostadas nas vastas almofadas de velludo ou de brocado de ouro, os braços morenos estriados de perolas e de enlaces faiscantes de joias, apoiados languidamente nos rebordos das liteiras, as damas de Portugal deixam-se conduzir olhando vagamente as complicações do custoso tapete da Persia em que apoiam os altos chapins encorticados.

As formosas creaditas orientaes, com os seus *bajus* de seda transparente, transportam mil objectos elegantes.

No meio d'esta turba elegante e perfumada, os relapsos, os impenitentes, os miseros gentios afer-

rados á poesia dos seus symbolos religiosos, são conduzidos processionalmente á Sé, onde depois da missa o sermão eloquente cae sobre as suas consciencias fechadas, n'um chuveiro de censuras rhetoricas...

Nos domingos e nas festas, pela cidade resoam os canticos das procissões jesuiticas que se dirigem á catechese do Bom Jesus.

Erguem-se cruzes e bandeiras e atraz dos estudantitos e neophytos segue a multidão variegada e numerosas damas que não faltam ao catecismo dos dias santificados.

....

Enveredamos por um cortejo de ruas extinctas onde os alinhamentos da vegetação marcam apenas o perimetro de outr'ora, para o logar onde se erguia o collegio de S. Paulo «principal e primeiro collegio de toda a India».

No meio do ciciar tremulo da folhagem ergue-se desaprumada uma ruina classica.

De todo o alluir da casa em que Pyrard calculára se fazia a aprendizagem de tres mil estudantes, apenas se resalvou a fachada de um traçado impeccavel, com as suas columnas gracis escoltando a arcada purissima do portal, os seus nichos vasios, sobrepostos aos elegantes resaltos, sósinha e irmanada á vegetação, alva e batida de luz sobre as anfractuosidades do desmoronamento.

N'esta via dolorosa de recordações e de mortes, o tempo vae passando e o dia foge. O sol esplendido tombou e na linha do oriente nascem devagar as primeiras estrias de sombra do crepusculo.

Percorremos a eito ruas e vielias.

Atravessamos os Bazares (1) mortos e desertos em que outr'ora a populaça gritante disputava as mercadorias variadas. Passamos o logar onde a porta dos Bachares com a sua dupla arcaria ruida ergueu alto o tumulo do grande Affonso de Albuquerque.

Saudamos o priorado do Rosario em cuja parede interna se enkista o formoso sarcophago de uma dama portugueza e subimos a calçada da Graça que do Terreiro dos Gallos conduz á collina funeraria onde se atulham phantasticos os escombros

(1) Antigos mercados; ainda hoje na India se dá este nome ao mercado dos comestive s.

Altar do templo de Bom Jesus

de Santo Agostinho, S. João de Deus e as altas muralhas negras de Santa Monica. O sol obliqua cada vez mais. Nos claustros das Monicas o Valle dos Lirios, a Crasta de Baixo, o eirado da Boa Vista, a Fonte do Salvador mergulham-se em sombra. Pelos longos corredores desertos, na indecisão crescente dos detalhes, dir-se-hia fluctuarem perfis de monjas mortas.

No côro de baixo (1) sinistro com o seu grande portão chapeado... dormem na confusão do pó... freiras sem conto e aquella maravilhosa madre Maria de Jesus, que na longa velada milagrosa ali esteve exposta no seu esquife de lacreado estreito.

Osorio de Castro, inspirado pela treva, pela recordação e pelo silencio, recita-me a sua admiravel poesia, que termina assim:

Se viessem... as portas do côro de baixo
De noite se abriram sem ninguem mexer
E madre Maria de Jesus n'um facho
Parecia viva, seu corpinho a arder...

Nas abobadas fendidas dos claustros começam a sumir-se, debaixo de uma camada de ócre brutal, os frescos de negro e ouro onde legendas de santas corriam.

Nas capellas subterraneas, onde se desce por escadas esboroadas que as cobras capellos frequentam, passa o sopro frio da morte.

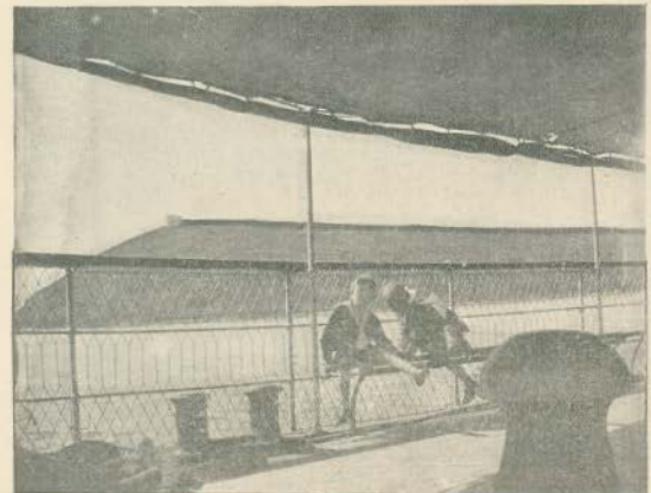
As portas desaprumam-se. As arcarias esbarrigam-se, traçando curvas inquietantes. Os soalhos enchem se de pedras soltas das abobadas.

Sobre os altares, quadros de orações ainda laminadas de dourados decompõem-se.

Imagens esquecidas, empoeiradas, como espectros, olham dos nichos seculares.

Os corações confrangidos, sahimos da mole immensa do maior convento de monjas de Portugal, depois de Odivellas.

No topo da collina, Santo Agostinho, que não é mais do que uma fachada negra crivada de orificios, mostra a sua sombra gigantesca e cheia de mysterio.

(1) Recinto deveras apavorante como diz Osorio de Castro na nota Crasta do seu livro *Cinza dos myrtos* era uma especie de semite rio das freiras.

Nas faldas do Monte Santo desce toda a confusão de escombros da Ilha do Fogo, onde tanta mulher gentil vivia «no fogo da luxuria»... e é um ultimo contraste que me fere, aquelle pedestal de sensualismo sobre que se apoia o grande templo de clausura e de penitencia.

Vamos ainda n'aquelle crescente oceano de sombra á calçada de Daugim, colho um feto selvagem nos muros da casa do coralleiro, de que a lenda conta sinistros acontecimentos.

E alfim subimos a pé, devagar, a spectral calçada de Nossa Senhora da Luz.

Ao espirito sôa-me em revoadas aquella evocadora *Polonaise*, do Chopin, em que ao rythmo febril das oitavas circulantes accorda a legião de espectros de um castello forte da Polonia!

A rua extensa profunda-se direita, com o seu empedrado intacto, com o largo fôsso central onde a enxurrada corria nos dias de aguaceiro.

De ambos os lados, verdes, direitas, fantasmaticas, aprumam se as casas mortas. As frontarias intactas attingem a altura dos primeiros andares.

Aqui e além o resto de um balcão de pedra perde-se no irromper prodigioso da vegetação.

Pelas janellas enormes descem os ramos confusos de plantas inclassificaveis na sombra.

Uma noite de paz inicia-se.

. . . .

Os nossos passos soam na calçada deserta onde outr'ora bateram febris as sandalias duras da plebe.

O sino de ouro da Sé, com a sua voz elegiaca, sôa ás Ave-Marias.

O seu timbre inegualavel fluctua na paisagem.

A noite cahe profunda e murmurosa... os chacaes lamentam-se na distancia. Grandes borboletas nocturnas surdem das ruinas, abrindo silenciosas as azas de velludo; os pyrilampos estrellam faiscantes a sombra; a fauna dos escombros acorda e revolve-se.

Os habitantes de Gôa, nos seu milhões incontaveis, desenham no mysterio uma vida bem mais intensa do que a de outr'ora.

Fugimos opprimidos. De toda a parte sobem ondeantes as nevoas venenosas.

Nas exhalações que a essa hora se emanam da enorme lagoa de Carambolim, onde outr'ora um grande elephante apodreceu, delimitam-se porventura espectros indecisos.

Acordamos com a sonoridade do nosso trem os echos da cidade morta. As nevoas que extinguiram n'um labor de envenenamento secular a maioria das suas duzentas mil almas espalham-se como um oceano.

A rua das Naús de Ormuz é um traço negro.

Passamos Panolim; a lua enorme e doentia ergue alto a face pallida, e os seus raios diffrangem se na immensa exhalação de tanta planta, tanta ruina, tanto cadaver. Nos corredores de Santa Monica, a essa hora, por certo as sombras conversam... Nos Catechumenos os officios de morte principiam.

Lisboa — Dezembro, 1906.

José Julio Rodrigues.

Linha de fortificações portuguezas nas Costas do Malabar

S. CARLOS

Uma anecdota de Niebuhr ◎ Um arabe melomano que p dia ... *habitué* do nosso theatre d'opera ◎ Os portuguezes e a musica ◎ Os musicos de D. João III e de D. João V ◎ Marcos Portugal ◎ As opiniões de Camillo sobre musica ◎ S. Carlos e o *fado* ◎ Os velhos theatros de Lisboa ◎ A opera em Portugal antes de S. Carlos ◎ A influencia de Pombal ◎ A Zamperini ◎ Uma paixão do filho do marquez, do poeta do *Hyssope* e do padre José Agostinho de Macedo ◎ A historia de S. Carlos ◎ A inauguração, os primeiros tempos, as celebridades, os castrados, a influencia de Pina Manique ◎ Um officio do intendente em nome da moral ◎ A fuga de D. João VI ◎ Junot, rei de Portugal e de S. Carlos ◎ Os salamaleques da nobreza ◎ A politica em S. Carlos ◎ O regresso do rei ◎ Os insultos a D. Pedro IV, depois da convenção de Evora-Monte ◎ A chronica amorosa de S. Carlos, desde o capitão Bettencourt até ao sr. marquez de Franco ◎ Garrett, critico musical ◎ Um descendente do Mem Rodrigues, da *ala dos namorados* ◎ Emilia Librandi, duqueza de Avila e Bolama, e Elisa Hensler, condessa d'Edla e mulher de D. Fernando ◎ A continuação da chronica politica do theatro ◎ Uma ovação a D. Luiz ◎ As ovações á princeza D. Amelia e o somno do Principe D. Carlos após o seu enlace ◎ O banquete a Assis Brazil, a victoria de Mousinho e o advento do ultimo ministerio Hintze ◎ Os fastos de S. Carlos ◎ Cavallos, burros, bofetadas, bexigas negras, as recitas *sebastianas*, os braços lindos da Sembrich e as unhas do sr. Renaud na *Damnação de Fausto* ◎ Cantores, actrizes e musicos de S. Carlos desde os tempos mais remotos até aos nossos dias ◎ Uma invectiva de Paderewsky ◎ A Arte em S. Carlos ◎ O *Oberon* de Weber, o *Fidelio* de Beethoven, a *Damnação de Fausto* de Berlioz e a *Louise* de Charpentier ◎ A educação musical do nosso publico ◎ O negociante austriaco Francisco Antonio Driesel ◎ Operas portuguezas ◎ Os theatros de Wagner ◎ Um decreto do sr. Hintze Ribeiro ◎ O elenco da proxima epoca ◎ Bons auspicios ◎ A Carelli: a sua voz, as suas ideias socialistas e os seus lindos olhos verdes ◎ Alvarez ◎ O *Amor de Perdição* do sr. João Arroyo.

Um grande musicographo allemão, Ambros, conta que Niebuhr, andando em viagem com alguns amigos, executou uma vez, no Cairo, musica europeia. Alguns dias depois, encontrou no caminho um cantor e um tocador de flauta que faziam ouvir as canções do seu paiz, e um dos arabes da comitiva gritou, louco de enthusiasmo, para os dois artistas errantes: «—*Mashallah!* isto é bello! que Deus vos abençõe!» Então Niebuhr perguntou a esse melomano apaixonado qual a sua opinião sobre a musica europeia; ao que elle, sem hesitar, de prompto respondeu: «—A vossa musica? Não é mais que um ruido selvagem que não póde encantar nenhum homem sensivel.» Esse arabe podia ser *habitué* de S. Carlos sem ter de transigir no radicalismo da sua opinião.

O compositor de opera Marcos Portugal

Em musica, mais, muito mais que em qualquer outro ramo d'arte, nós fomos sempre, somos ainda e seremos talvez por muito tempo d'um teimoso e ferrenho nacionalismo. Gostamos das canções da nossa terra, maravilhosas interpretes da nossa alma, da nossa morbideza sentimental, nostalgica e dolente, e pouco presamos, sinceramente, fóra do convencionalismo das coisas que são de moda, o que nos vem da extranja, envolto embora no incenso da consagração geral. Os nossos compositores vão

educar se lá fóra, os nossos professores são estrangeiros, nas melhores salas e nas melhores orchestras os executantes em geral não são de cá. Já quando D. João III quiz organisar pomposamente a capella do seu paço, soccorreu-se de dois compositores de nomeada, João de Badajoz e Gonçalo de Baena, de contestado sangue luzitano, e D. João V mandou vir de Italia Domenico Scarlatti para que nas cerimonias lithurgicas do paço não faltasse a boa musica n'essa epoca doirada de fausto e de grandeza, quando o rei amava na alcova mystica de madre Paula e o monstro de Mafra se erguia solemne, entre as nuvens do incenso e o pesado arrastar do cantochão. Marcos Portugal, de todos os nossos compositores talvez o mais notavel, começou aprendendo musica com um italiano chamado Borselli e na propria patria de Verdi foi proseguir depois os seus estudos. Os nossos amadores cantam em hespanhol e em italiano, as tentativas para fazer cantar em portuguez algumas operas não teem surtido effeito e apezar de tudo isso, apezar d'uma acção desnacionalisadora que desde tão remotos tempos se vem firmando, o portuguez apenas tolera, por tão insistentemente lh'as terem dito, as velhas melodias de Verdi e Bellini, indifferente á revolução musical que agitou todo o mundo culto e que um artista nosso, com talento, ainda não quiz, não soube ou não pôde criteriosamente fazer sentir em Portugal. D'esse grande portuguez que foi Camillo, em cujo espirito tão intensamente se reflectem as qualidades dominantes da nossa raça, tem contado o sr. padre Senna Freitas que uma vez confessou, depois de ter ouvido quasi indifferente o illustre Giuseppe Casella tocar violoncello: «— Não gosto de musica. Faço só uma excepção: dou o beiço pelo fado, gemidinho na guitarra.» Se ámanhã S. Carlos deixasse de ser um theatro de luxo, um ponto de reunião quasi official onde é vergonha não ir quando se tem um nome illustre que nas secções galantes os jornaes a cada dia repetem deslumbrados, com que intenso prazer a fina flôr do nosso grande mundo deixaria o sr. Pacini chorando a sua ruina e por noite alta iria escutar, em uma melancolica evocação de edade antiga, commovida e feliz, os sons dolentes d'essa guitarra do fado em cujas cordas tremulas poisaram os dedos mais aristocraticos e finos da velha nobreza de Portugal!

Junot... rei de S. Carlos

A Alboni, uma das mais celebres cantoras de S. Carlos

E a historia do S. Carlos, já longa bastante, nos ensina que sempre foi assim.

❀

Foi em 1753 que por ordem de el rei D. José e segundo os planos do architecto João Carvalho Bibiena se construiu o grande theatro régio dos Paços da Ribeira que vinha succeder aos antigos *pateos de comedias*, e onde cantaram esses celebres castrados italianos Caffarelli, Giziello, Rauff, Manzuolli e Balbi para quem o maestro David Perez escreveu a opera *Alessandro nelle India* que subiu á scena em março de 1755, no anniversario da rainha D. Marianna. Mas já muito antes se tinha ouvido em Portugal opera de Italia. No magnifico trabalho do sr. dr. Fonseca Benevides sobre o theatro de S. Carlos, d'onde extrahi muitas informações que vão n'este artigo, vem registada a opinião que fixa o anno de 1578 como aquelle em que pela primeira vez cantores italianos e hespanhoes aqui vieram. Diz-se até que depois de ter ganho cá muito dinheiro, o emprezario naufragou á sahida do Tejo, com todos os lucros e toda a companhia. Por sua banda o sr. Joaquim de Vasconcellos diz ter verificado que foi em outubro de 1720 que a opera italiana pela primeira vez appareceu em Portugal, no primitivo theatro dos Paços da Ribeira, para festejar o anniversario natalicio do rei D. João V. Parece porém que só em 1735 se representou opera para o publico por uma companhia procedente de Madrid, n'um theatro fronteiro ao convento da Trindade e sendo emprezario um tal Paghetti. Depois existiram os theatres reaes de Salvaterra, da Ajuda e de Queluz, e o da rua dos Condes, reconstruido em 1770, o do Salitre reconstruido em 1782 e o do Bairro Alto situado no pateo do Conde de Soure, á rua da Rosa, predecessor d'um outro do mesmo nome que Joaquim Costa construiu em 1812 perto de S. Roque. E em todos esses tambem se cantou opera. Foi no theatro do Bairro Alto que em 1767, com 14 annos apenas, se estreiou

O compositor Grieg — Caricatura

Camillo Chevillard, director da orchestra Lamoureux — Caricatura

a cantora Luiza Todi, que mais tarde alcançou grande nomeada.

Pombal decretou que «a arte scenica só por si não dava infamia ás pessoas que a praticassem» e em 1771 fundou a *Instituição estabelecida para a subsistencia dos theatros publicos da côrte* diz-se que a rogo de seu filho, o conde de Oeiras, então presidente da camara de Lisboa e captivo das graças da cantora da rua dos Condes Anna Zamperini, celebre pela belleza e pelo penteado. N'essa altura se publicou um edital fixando os preços nos theatros de comedia portugueza ou opera italiana, sendo para estes ultimos os camarotes de preço variavel entre dezeseis e trinta e dois tostões e a um *pinto* (480) a plateia superior. Esses preços mantiveram-se, com pequenas differenças, por mais cincoenta annos e com elles se inaugurou ainda o theatro de S. Carlos.

A opera da rua dos Condes começava então a dar brado, a chamar concorrencia, a provocar enthusiasmo e turbulencias não pela musica... mas pela cantora. Quando, porém, o grande marquez se apercebeu da paixão do filho pela italiana apressou-se a fazer cahir sobre a indefeza ave canora a sua energia auctoritaria, mandando-a pôr fóra do reino. A outros, porém, estranhos á sua casa, veiu ferir e cruelmente a ordem do ministro: a Zamperini tinha muitos admiradores. Um d'elles era mr. de Martigny, embaixador de França, outro o auditor da nunciatura Antonino, outro o poeta Antonio Diniz da Cruz e Silva, outro... o padre José Agostinho de Macedo. Quando, pouco depois de chegar a Lisboa, morreu o pae da *diva*, os admiradores fizeram-lhe exequias sumptuosas. N'ellas devia orar o auctor dos *Burros*, se antes o patriarcha D. Francisco de Saldanha o não tivesse chamado prohibindo-lhe que tal fizesse, reprehendendo-o pelo seu procedimento, dando-lhe ordem para não assistir aos espectaculos senão de camarote e intimando-o a não fazer versos á comica nem pentear o cabello á italiana. A Zamperini foi expulsa em 1774 e tres annos depois a rainha D. Maria I subindo ao throno prohibia que as mulheres representassem nos theatros. Novamente appareceram nos palcos os sopranistas (castrados) com as suas vozes de mulher, vestindo saias, e uns mariolões de face escanhoada e gambia ao leu, ás piruetas, denominados então os bailarinos.

O violinista Ysaye — Caricatura

O pianista Paderewsky — Caricatura de Georges Villa

Quinze annos depois do advento ao throno da augusta mãe do sr. D. João VI, Joaquim Pedro Quintella, Anselmo José da Cruz Sobral, Jacintho Fernandes Bandeira, Antonio Francisco Machado, João Pereira Caldas e Antonio José Ferreira Solla, capitalistas e negociantes portuguezes, constituiram-se em sociedade e auxiliados pela boa vontade activa do intendente geral Pina Manique, em 6 mezes fizeram construir o theatro denominado de S. Carlos em honra da princeza D. Carlota Joaquina, mulher do principe-regente D. João. Um anno depois, em abril de 1793, nasceu a princeza da Beira D. Maria Thereza e as grandiosas e prolongadas festas em honra do fausto acontecimento foram coroadas, na noite de 30 de junho, pela inauguração do novo theatro lyrico com a opera de Cimarosa *La ballerina amante*. De então para cá o theatro, á mercê de contrarios ventos de fortuna, tem funccionado sob a direcção de diversos emprezarios. Mais tarde o Estado comprou-o e por duas vezes directamente o governo ingeriu n'elle: a primeira, de janeiro a junho de 1823, por meio d'uma commissão administrativa presidida pelo barão de Quintella, a segunda, representado pelo commissario régio D. Pedro Brito do Rio, de 1856 a 1860. Mas n'esses periodos, menos ainda que nos outros, do primeiro palco de Lisboa coisa alguma de bom sahiu em proveito legitimo da arte. Para manter o theatro aberto teve o governo de conceder mais d'uma vez aos emprezarios o privilegio das loterias e das «casas de sorte» de Lisboa e de consentir que com os espectaculos de opera lyrica alternassem os de comedia portugueza e até os de funambulos.

O maestro Leoncavallo (caricatura)

O regente de orchestra Colonne

Em 1801 teve comtudo o theatro uma epoca brilhante. Cantaram duas celebridades rivaes: a Catalani, mulher de vinte e dois annos, e Crecentini, castrado, de não sei quantos. A mulher tinha uma voz mais vibrante e volumosa, mas o outro sobrelevava-a, ao que dizem as chronicas da epoca, em força de expressão e sentimento. O publico interessava-se na contenda. Em nome da arte? Ainda d'esta vez — não. O publico apreciava e divertia-se, porque as duas creaturas emulas no canto eram tambem e com ferocidade ri-

O abbade Perosi, que regeu na época passada em S. Carlos algumas das suas operas

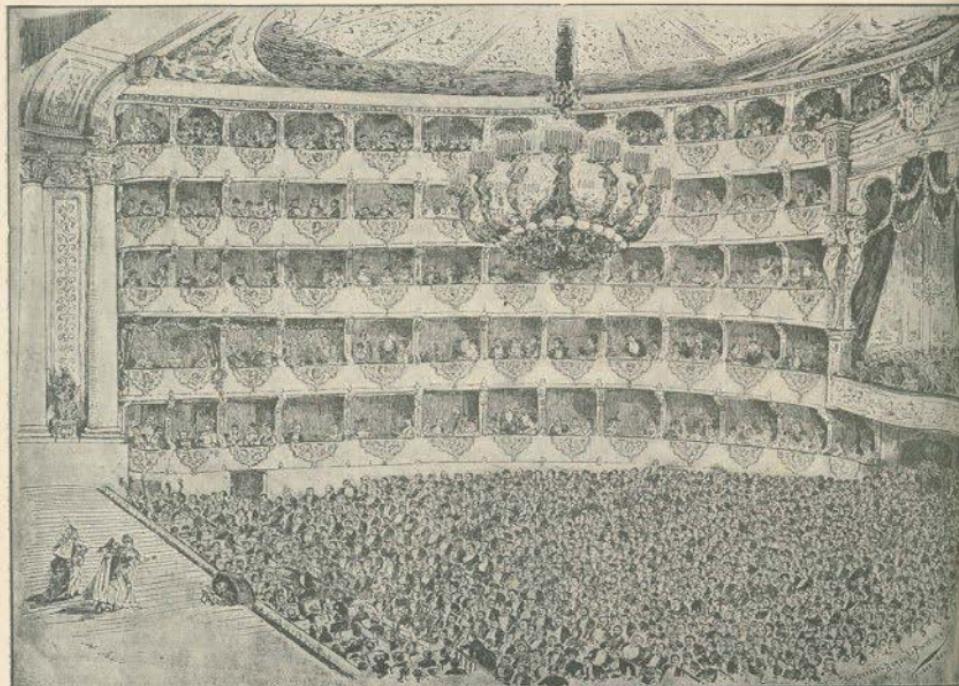
O maestro Saint-Saens—Caricatura de Georges Villa

vaes... no amor. N'esse anno, o intendente Pina Manique promoveu uma esplendida funcção para solemnisar a assignatura do tratado de Badajoz que em 6 de junho fizera a paz entre a Hespanha, a França e Portugal. Os monarchas assistiram, a entrada era por convites, e o theatro cheio de luz estava sumptuosamente engalanado. As casas proximas tinham luminarias. E uma opipara ceia terminou a festa. Ha até quem diga que foi da ceia que sua magestade mais gostou...

O emprezario era então Lodi, esse mesmo a quem, tres annos mais tarde, o intendente fulminou com o seguinte energico officio, em nome da Moral:

«*Officio dirigido ao corregedor do bairro da Rua Nova, pelo intendente geral da policia sobre a moralidade de algumas artistas do theatro de S. Carlos, em 12 de março de 1804:*

«Vossa mercê chamará o emprezario d'esse theatro de S. Carlos, Francisco Antonio Lodi, e o advertirá de que não deve escripturar figurantes e dançarinas que consta vivem fóra do matrimonio e não imitam as actrizes e aquellas as mande logo notificar vossa mercê para sairem d'este reino, ficando vossa mercê na intelligencia de o fazer executar assim immediatamente e procurar averiguar se as sobreditas dançarinas e figurantes assim a executam, aliás as mandará vossa mercê para casa de força do castello de S. Jorge, em transgressão do termo que devem assignar, advertindo ao mesmo emprezario que fica responsavel

Verdi—Caricatura italiana

S. Carlos, em 1883, durante uma recita de gala—*Desenho de Raphael Bordallo Pinheiro*

na sua pessoa no caso não esperado, que poupe alguma das sobreditas figurantes e dançarinas que forem comprehendidas, e as conserve por contemplações particulares; Vossa mercê examinará muito particularmente se assim se cumpre o que ordeno de futuro, observando o que lhe tenho ordenado, e vossa mercê o que lhe indico. Deus guarde a vossa mercê. — Lisboa, 12 de março de 1804 — Senhor desembargador e corregedor do bairro da Rua Nova. — O Intendente geral da policia da côrte e reino. — *Diogo Ignacio de Pina Manique.*»

Annos depois, em 27 de novembro de 1807, D. João VI fugia para o Brazil rodeado de toda a côrte e levando no porão dos navios da sua esquadra os melhores thesouros de Portugal, e passados dias, mil e quinhentos francezes, doentes, tropegos, esfarrapados, apoderavam-se de Lisboa, sem combate. Começou um periodo triste de miseria do reino: miseria de fome nos pobres e remediados que os francezes maltratavam e roubavam, miseria moral n'essa camada nobre que na sala de S. Carlos acclamou contente a monarchia de Junot. O general francez queria a pompa d'um theatro lyrico funccionando um anno inteiro na capital dos seus estados, e impondo uns contratos, rescindindo outros, marcando elencos e fazendo a censura, por vezes, chamou a si os direitos de emprezario. O tempo ia porém pouco asado para festas e, dentro em breve, reduzido quasi á assistencia do elemento official, S. Carlos foi cahindo no mais irremediavel e desolador dos abandonos.

Alvares na «Manon» de Massenet

Em 1812, a sociedade que tinha a casa da rua dos Condes tomou conta do theatro lyrico, com a concessão de representar peças portuguezas e dramas sacros no periodo da quaresma, o que até ahi não era permittido. Egual concessão se fez em 1816 para a representação da pantomima *O Diluvio*, peça em que, segundo dizia o inspector Sebastião Xavier Botelho no seu parecer favoravel, «os dois sexos só se distinguiam pelas feições do rosto». Depois, com a revolução de 20, S. Carlos continúa desempenhando o seu papel politico: d'um camarote Francisco Maximiliano de Sousa, ministro da marinha, communicou ao publico de Lisboa que D. João VI, tendo acceitado a constituição, regressava a Portugal. Foi um enthusiasmo louco. N'essa noite não se quiz mais saber da opera, de cada canto rompiam vivas, atabalhoadamente a orchestra repetia os hymnos patrioticos e o joven poeta Castilho, sentindo ferver em si a veia metrica, não se conteve que não recitasse tambem um improviso.

Mais tarde houve em S. Carlos uma outra recita notavel. Foi quando em 27 de maio de 1834, após a convenção de Evora-Monte, D. Pedro, o vencedor, pela primeira vez appareceu na sua tribuna, áquelles a quem deu a liberdade, no seu papel de rei. Os liberaes não tinham levado a bem a benevolencia final para com os inimigos e de todos os pontos da sala subiam imprecações, insultos, diatribes, a cahir em cheio sobre a face livida do rei. D. Pedro não se pôde conter e exclamou: «—Fóra, canalha!», os insultos redobraram, vozes roucas de gritar chamavam-lhe *traidor* e o pobre general glorioso, sentindo o travo d'aquella singular apotheose de triumpho, sahiu d'alli triste, doente, desilludido, golfando sangue, para ir morrer pouco depois, sem as bençãos do povo que redimira, na sala de D. Quixote do seu palacio de Queluz.

*

Em 1827 a plateia de S. Carlos dividiu-se em dois partidos: um era pela Sicard e outro pela

O sr. marquez de Franco, frequentador de S. Carlos; caricatura de Raphael Bordallo

O barytono Fugère no papel de pae da *Louise*, a opera de Charpentier, que Lisboa vae ouvir pela primeira vez

Pietralia. Na opera *Semiramides*, de Rossini, em que ambas cantavam, a contenda era de vulto e dava echo, mas manda a verdade ainda dizer que os paladinos eram menos melomanos que adoradores. Um d'elles, o capitão Lemos Bittencourt que, escravo do coração, punha a sua espada de guerreiro ao serviço humilde da Sicard, obteve da cantora um sapatinho pequenino e precioso como o da Cendrillon e trazia-o depois comsigo a toda a hora e a todo o mundo o mostrava envaidecido. Essa Sicard parece que não cantava mal, coisa de resto de menos conta para os *habitués* enthusiastas do nosso theatro lyrico, e até, ao que se diz, sob este ceu azul, na atmosphera de amor que a envolvia, a sua voz deu-se muito bem. O proprio Garrett, que em materia de critica conhecia pouco a piedade e que ao tempo escrevia a chronica theatral no *Portuguez*, exprimia-se assim n'um seu artigo:

«Quem isto escreve deve confessar ingenuamente que á primeira e ás primeiras vezes que ouviu cantar a linda bohemia não ficou grandemente apaixonado, mais sinceramente, não gostou muito. Só os estimulos fortes é que impressionam rapidamente. O que branda e suavemente se insinua e penetra, é lento e demorado. Mudou-se vagarosamente de conceito, porém, mudou-se, e ha muita satisfação em cantar a palinodia e dizer:

«Quanta gia cantai di sedgno
Ricantar voglio d'amor.»

Já n'esse tempo, no theatro das Larangeiras, com o auxilio de illustres *dilettanti*, se davam recitas d'opera que nada ficavam a dever ás de S. Carlos. Lá se cantaram, em noites que ficaram celebres, *Il Castello dei spiriti ossia Violenza e costanza* de Marcadante e *Chiara de Rosemberg* de Generali.

Mas a chronica amorosa de S. Carlos não terminou ainda. Luiza Mathey veiu cantar a *Norma* e fez um successo colossal, não bem pelo modo como a cantava, que aliás era excellente, mas pelos seus amores, ciumentos como os da opera, com o famoso janota, conquistador de nomeada, Luiz Mendes de Vasconcellos, de aventureira estirpe, descendente d'aquelle galante Mem Rodrigues de Vasconcellos que commandou a *ala dos namorados* na batalha de Aljubarrota. Em 1850 veiu no vapor *Infante D. Luiz* uma grande companhia de que fazia parte a celebre Stoltz que depois rivalisou com a Novello, mais uma vez servindo a *Semiramis* de campo de batalha; e a essa rivalidade não era estranho o coração. Mas já antes pisára o palco de S. Carlos uma cantora de rara belleza, Emilia Librandi, cujo verdadeiro nome era Emilia Hegenauer, e que pelo casamento com o estadista Antonio José d'Avila, em 1850, ficou sendo a duqueza de Avila e Bolama. Por fim, em 1859, veiu Elisa Hensler que se notabilisou no *pagem* do *Baile de mascaras* e que dez annos mais tarde, feita condessa d'Edla, casou com D. Fernando.

Renaud na «Herodiade» de Massenet

E, n'esse capitulo, já basta. Caminhar mais para cá seria ferir talvez a susceptibilidade dos vivos e... o sr. marquez de Franco ainda não pertence á historia.

Foi em S. Carlos que se fez a grande manifestação a Saldanha quando elle voltou do exilio para substituir o conde de Thomar. Durante tres quartos de hora a rainha e o rei, de pé,—sabe Deus com que vontade, — compartilharam do regosijo publico acclamando o seu novo ministro. Foi em S. Carlos que em outubro de 1885, n'uma sessão solemne promovida pela Sociedade de Geographia, D. Luiz ouviu uma das maiores ovações da sua vida, entregando medalhas d'ouro aos exploradores Capello e Ivens. Foi lá tambem que, um anno depois, sua magestade a Rainha sr.ª D. Amelia recebeu a primeira enthusiastica ovação dos portuguezes, n'essa recita de gala em honra do seu casamento em que, na luzida tribuna repleta de principes, decerto cançado de tantas homenagens, o noivo, sr. D. Carlos, esteve a turrar com somno a noite inteira. Foi em S. Carlos que em 1895 se festejou o restabelecimento das relações diplomaticas com a republica brazileira n'um grande banquete em honra do ministro Assis Brazil, a que presidiu Brito Aranha. Foi lá tambem que em janeiro de 1896 se acclamaram os expedicionarios d'Africa que combateram ao lado de Mousinho, n'uma grande manifestação de louco enthusiasmo na qual El-Rei se ergueu tambem victoriando a marinha e o exercito. Foi finalmente em S. Carlos que o publico acclamou as pessoas reaes no advento do mais recente ministerio Hintze, que, a despeito de auspicios assim brilhantes, a tão ephemera vida vinha destinado.

Alvarez no «Tanhaüser»

Mas, áparte mesmo a resonancia dos successos politicos, explicavel

de resto n'um theatro que é quasi uma repartição do Estado e onde de velha praxe a côrte se reune, raro os successos que deram brado na historia de S. Carlos propriamente se referem, como seria natural, a coisas d'arte. Se não, vejamos:

Em 1821. Grande successo da epoca: a *première* do hymno da Carta.

Em 1842. Tumulto: Uma noite, n'uma dança em que entravam cavallos, estes não appareceram porque, sendo da guarda municipal, tinham tido serviço extraordinario para reprimir a agitação contra os Cabraes. Alguem veiu ao palco explicar a falta. Resposta do publico: «A empreza não tem cavallos, mas tem burros!»

Em 1845. Incidente da época: No *D. Paschoal*, a dama Emilia Ranzi, que desempenhava o papel de *Norina*, dava uma tremenda bofetada no protogonista, que era o *basso buffo* José Catalano. Uma vez elle fugiu com a cara e a cantora ia malhando ao chão. Na noite seguinte, ella, que era vingativa, adeantou o mimo alguns compassos e o cavalheiro houve de, com gaudio do publico, submetter-se a elle sem protesto.

De 1884 a 1885. Tres acontecimentos notaveis: Uma bailarina que morreu de bexigas; o *dilettante* Boaventura Macedo que partiu a cara ao tenor Ravelli e os braços lindos da Sembrich.

De 1889-1900. Factos culminantes: a *greve* de protesto contra as recitas extraordinarias, alcunhadas de *sebastiões*, como em 78 o tinham sido já de *japonezas*, e a pateada á Cavalieri.

De 1905 a 1906. Grande successo: As unhas compridas do barytono Renaud na *Damnação do Fausto*.

A notar que n'esse longo periodo passaram por S. Carlos os artistas maiores de todo o mundo. Cantaram Gafforini, Mombelli, Naldi, Rossi-Cassia, Alboni, Galleti, Mongini, Borghi-Mano, Boccolini, Francelli, De Reske, Pasqua, Gayarre, Tamagno, os Pandolfini, os Giraldoni, Pacini, Patti, Sembrich, Devriés, Barbaccini, Van-Zandt, Pozzoni, Bellincioni, Ferrari, Theodorini, Tetrazinni, Darclée, Arkel, Parsi, Salomea Kruscenisku, Masini, Delmas, Marconi, Kaschmann, Bonci, Ibós, De Lucia, Renaud, Menoti, Viñas e os nossos compatriotas Maria Arneiro, Regina Pacini, Mathilde Marcello, Maria Judice da Costa, os Andrades, Carlos Lopes, Francisco Redondo, Joaquim Ottolini da Veiga e D. Manuel de Noronha. Representaram a Sarah e a Rejane. E exhibiram-se em concertos Rubinstein, Cesar Casella, Arthur Napoleão, Saint-Saens, Sarasate, Marques Pinto, Isaye, Pugno, Paderewsky, e dirigindo a orchestra Marcos Portugal, Colonne, Mancinelli e Nikisch, que contractado pelo illustre pianista e grande amador de musica sr. Michel'angelo Lambertini trouxe para uma serie de recitas inolvidaveis a grande philarmonica de Berlim.

O emprezario de S. Carlos no jardim de sua casa

Quando, o anno passado, n'um dos seus dois concertos o grande pianista Paderewsky executava o adagio d'uma sonata de Beethoven, o barulho nos camarotes era tanto que, interrompendo-se bruscamente, o pianista fitou um d'elles exclamando: — «Je suis désolé d'empecher la conversation de ces dames.» E foi só então que tudo se calou.

Servir bem a arte e contentar o publico que frequenta o nosso theatro d'opera é um problema que desespera a mais authentica boa-vontade do melhor dos emprezarios. Em cada época é de uso repisar-se o velho repertorio italiano: o publico mal supporta outro Wagner que não seja o da phase transitoria do *Lohengrin* e do *Tanhaüser*. Algumas operas de Mozart são desconhecidas de S. Carlos e não ha emprezario que se aventure a pôr em scena o *Oberon* de Weber ou o *Fidelio* de Beethoven, certo de que para essas coisas bellas jámais conseguiria desviar as attenções que vão inteiras para o lamechismo incolor dos Donnizetti. A' *Damnação do Fausto* que no anno transacto deu um sem numero de recitas valeu o brilhantismo inedito da *mise-en-scene*, verdadeiro *tour-de-force* n'um theatro tão pobre de illuminação e machinismos. Este anno, essa opera-prima, verdadeiro monumento da arte franceza que é a *Louise* de Charpentier, salvar-se-ha talvez pelo decorativo de dois dos seus actos de mais brilho e pelo inte-

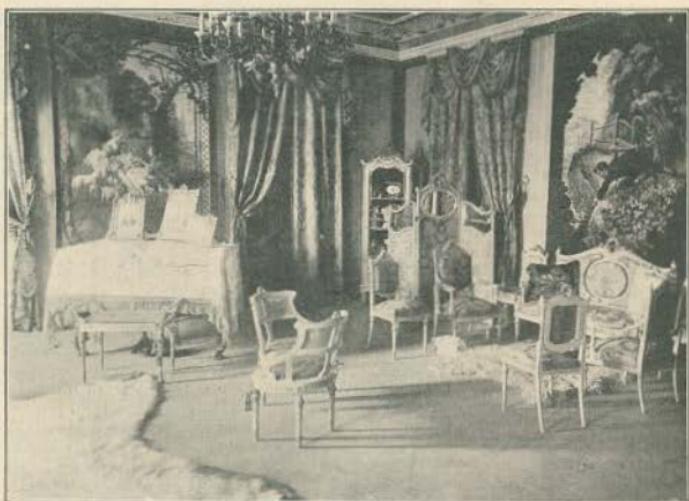
resse animado de novidade que toda ella respira.

Em materia de educação musical nós quasi estamos ainda como em 1834 quando, para cultivar a musica allemã, o negociante austriaco Francisco Antonio Driesel se recolhia com alguns eleitos no seu primeiro andar do Thesouro Velho, muito em segredo, como se fôsse na pratica d'um crime. Opera portugueza não a ha e nem facil é havel-a não existindo quem a cante senão contra vontade e em italiano, nem emprezario que sem custo se arremesse aos perigos da aventura. As operas de Marcos Portugal, Sá Noronha, Keil, Augusto Machado, Freitas Gazul, visconde do Arneiro, Sauvinet e Oscar da Silva que Lisboa tem ouvido, a d'este ultimo até no Colyseu, raro teem tido uma execução digna d'ellas e o nullo resultado até á data do decreto que Hintze Ribeiro firmou em 1901 creando o theatro lyrico nacional veiu provar que, se isto não fôr d'outra maneira, á força de tenacidade e de bons modos... tambem não vae á força de decretos.

O barytono Renaud

N'esse decreto fallava-se da construcção d'um novo theatro apropriado para opera. Mas a verdade é que, sendo certo que o publico não se sujeitaria a frequentar uma sala de espectaculos talhada nos moldes wagnerianos, não já pela invisibilidade da orchestra, mas pela falta de luz e pela ausencia de camarotes, mais valeria obstar a que em S. Carlos se prosiga nos vandalismos, recuos da ribalta e outros taes, que aos poucos vão roubando á linda sala, não apenas a harmonia architectonica, mas tambem a sonoridade.

O elenco da proxima época é sem duvida brilhante. A Carelli, com a correcção de seu canto, os seus lindos olhos verdes, as suas ideias socialistas e o seu intenso poder de dramatisação, é simultaneamente uma bella cantora, uma interessante mulher e uma excellente artista. Alvarez é o grande tenor de força da Opera de Paris. E d'alguns dos outros — Maria Arneiro, Parsi, Renaud, Delmas, Viñas, Bonini, Giraldoni — já Lisboa de sobra sabe o muito que elles valem. Da opera *Amor de Perdição*, estreia do sr. João Arroyo n'esse genero de trabalhos, nada ha a esperar senão de bom. O assumpto do libretto é bello e dos mais portuguezes que seria possivel encontrar em toda a nossa litteratura e as qualidades de talento e o grande sentimento artistico do sr. Arroyo são por demais conhecidos para nos garantirem seguramente que esse drama musical será a mais erguida e mais preciosa das obras d'arte, respirando, desde o primeiro ao ultimo compasso, todo o suggestivo e dominador encanto das coisas que são bellas.

PAULO OSORIO.

O salão do sr. Pacini, emprezario de S. Carlos

A COMPANHIA DE S. CARLOS

1 — O MAESTRO LUIZ MANCINELLI, 2 — O MAESTRO ZANETTI UBALDO, 3 — O MAESTRO LORENZO MOLAYOLI, 4 — O MAESTRO DE COROS FRANCISCO CODEVILLE, 5 — O TENOR GEORGINI ARISTODEMO, 6 — O TENOR FRANDISCO VIÑAS, 7 — O BARYTONO GIRALDONI, 8 — O TENOR ABSOLUTO DIANNI AUGUSTO, 9 — O TENOR HENDERSON DAVID, 10 — O BAIXO MANSUELTO, 11 — O BAIXO ALFREDO BRONDI, 12 — O TENOR SCHIAVAZZI PIERO, 13 — O BARYTONO RENAUD, 14 — O BARYTONO DELMAS, 15 — O BARYTONO BONINI

A COMPANHIA DE S. CARLOS

1 — A SOPRANO TORRETA ANNITA. 2 — A SOPRANO BEINAT ANDREINA. 3 — A SOPRANO CLASENTI ESPERANZA. 4 — A SOPRANO CECILIA GAGLIARDI. 5 — A SOPRANO LALLA MIRANDA. 6 — A SOPRANO MARIE LAFARGUE. 7 — A MEIO-SOPRANO ARMIDA PARSI. 8 — A SOPRANO OLIVA PETRELLA. 9 — A SOPRANO MARY D'ARNEIRO. 10 — A SOPRANO EMMA CARELLI. 11 — A PRIMEIRA BAILARINA ITALIANA MOZZI. 12 — A PRIMEIRA BAILARINA FRANCEZA CALVI

O ENSAIO GERAL DO GRANDE CONCERTO REALISADO NA NOITE DE QUINTA-FEIRA, 6 DO CORRENTE, POR INICIATIVA DA «SCHOL CANTORUM», E EM QUE SE CANTOU A PARTITURA DA «TERRE PROMISE», DE MASSENET

AS MODAS D'ESTE INVERNO

Modelo da casa Paquin, destinado especialmente á ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Vestido de tulle côr de rosa guarnecido a rosas de seda verde e prateadas e fitas de velludo verde claro

(CLICHÉ FELIX)